

Canjetê

Valorização e promoção da cultura africana e afro-brasileira

ano 2 - edição 06 - Maio de 2017



Maria Mazarelo Rodrigues

Uma história negra de sucesso literário

por Etiene Martins

CHICA DA SILVA

MODA PRA QUEM TEM ATITUDE



O
PODER
à frente de um
NOME

Modelo: Cadinha Luíção | Fotografar: Ricardo S. Gonçalves | Produção: Belete Negra/Béniá Borges



Canjerê

Valorização e promoção da cultura africana e afro-brasileira

Editorial

Foco no afeto, amor, força e representatividade

Esse título reflete as pautas selecionadas para a 6ª edição da Revista Canjerê. Você vai mergulhar em um universo que traz pessoas como protagonistas dos seus espaços e que fazem com muito amor o que se propõem.

Por se tratar do mês de maio, eu poderia começar esse editorial exaltando o dia 13 de maio, data em que comemoramos a Abolição da Escravatura realizada por meio da Lei Áurea de 13 de maio de 1888, mas vou mudar o discurso. Não que seja menos importante. O fato é que avançamos, e temos muito além para mostrar. Na verdade, a abolição, de fato, está apenas começando.

A 6ª edição da Revista Canjerê vem com vários exemplos de superação, confirmando que a tentativa de nos invisibilizar está começando a "dar ruim". Sempre tivemos referências negras, mas não tínhamos oportunidades de conhecer essas pessoas. A revista traz uma prévia de pessoas que fazem acontecer em seus espaços.

A matéria de capa traz Maria Mazarelo Rodrigues, da Mazza Edições, mulher guerreira que enfrentou situações difíceis e hoje é referência em publicações de escritores/as negros/os no Brasil.

O modo de vida quilombola aparece em duas seções, cinema e negócios. O documentário, "O Açude de Caetano", apresenta a comunidade Quilombola do Açude do ponto de vista das crianças que vivem lá. Já a seção Negócios destaca o empreendedorismo na Comunidade Quilombola dos Arturos.

Enfim, eu não poderia encerrar sem desejar um Feliz Mês das Mães, e que possamos expressar o amor que por séculos foi negado a/na vida das mulheres/mães negras.

Afrobeijos

Sandrinha Flávia



Sandrinha Flávia
Editora

SUMÁRIO

- p6 Entrevista
Áurea carolina - Quando uma mulher negra avança, nenhuma criatura neste mundo retrocede
- p18 Matéria de capa
Maria Mazarelo Rodrigues - Uma história negra de sucesso literário
- p26 Ensaio
Aurora Casierra Coime - La musica, estrategia para no olvidar
- p24 África
Festival literário: Escritores moçambicanos homenageados no Brasil
- p11 Comportamento
Mulheres negras e cabelo em Moçambique
- p12 Canjerê
Entre valorizações, parcerias e colaborações, a cultura negra permanece em evidência
- p14 Gente do Canjerê
Maria Luiza Viana - Talento de sobra
- p16 Olhar Social
Guarda de Moçambique Treze de Maio de Nossa Senhora do Rosário
- p22 Negócios
Empreendedorismo no Quilombo
- p29 Cultura - Literartura
Não desiste!
- p30 Cultura - Cinema
Comunidade Quilombola pela visão de suas crianças
- p31 Cultura - Artes Visuais
O grafitti também é delas
- p32 Cultura - Música
Tamara Franklin - Ancestralidade negra e força feminina no rap

Agradecemos a todos da equipe Casarão das Artes e aos parceiros do Brasil e do exterior que aceitaram o desafio de construir esta importante fonte de informação e pesquisa.



Colaboraram nesta edição:

Abraão Bruck, Albino Moisés, André Caetano, André Carvalho, Bárbara Godinho, Bruno Lemos, Crianças da Oficina de Cinema, Denise Ferreira da Costa Cruz, Etiene Martins, Felipe Chagas, Hilton Sousa, Janaína Cunha, Klaus Mitteldorf, Leo Olivera, Leticia Souza, Lucas Ávila, Maria Luiza Viana, Maxwell Vilela, Mel Duarte, Nathália Luz, Negah Thé, Rafa Aguiar, Roger Deff, Rosália Diogo, Rosana Martinez Gil, Samira Reis, Samir Pereira, Samira Reis, Sheilla Antão, Tarcísio de Paula e Tayrone Alves



Matéria de Capa

Etiene Martins
Maria Mazarelo Rodrigues:
Uma história negra de sucesso literário

Foto: Maxwell Vilela



Foto da capa
Etiene Martins

Expediente

INSTITUTO CULTURAL CASARÃO DAS ARTES
Presidente
Marcial Ávila

Vice-Presidente
Samira Adriano Reis

Curadora
Rosália Diogo

EDITORIAL
Diretora de redação
Rosália Diogo

Editora
Sandrinha Flávia

Repórteres
Adriana Borges, Janaína Cunha, Moisés Mota,
Roger Deff e Samira Reis

Editoração
Leonardo Oliveira e Maria Luiza Viana

Ilustração
Leo Ramaldes, Marcial Ávila e Maria Luiza Viana

Fotografia
Sol Brito

Colaborador
Albino Moisés

Revisão
Paulo Roberto Antunes

CONSELHO EDITORIAL
Carlos Serra
Universidade Eduardo Mondlane - Moçambique

Edimilson de Almeida Pereira
Universidade Federal de Juiz de Fora - Brasil

Eduardo de Assis Duarte
Universidade Federal de Minas Gerais - Brasil

Filinto Elísio
Rosa de Porcelana Editora - Cabo Verde

Ibrahima Gaye
Centro Cultural Casa África - Brasil - Senegal

Maria de Mazzarelo Rodrigues
Mazza Edições - Brasil

Marcial Ávila
Instituto Casarão das Artes - Belo Horizonte - Brasil

Maria Nazareth S. Fonseca
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - Brasil

Olusegun Michael Akinrulli
Instituto Yourubá - Brasil - Nigéria

Patricia Gomes (Guiné-Bissau)
Universidade Federal da Bahia - Brasil

Rosália Diogo
Instituto Casarão das Artes - Belo Horizonte - Brasil

“Quando uma mulher negra avança, nenhuma criatura deste mundo retrocede”

Janaina Cunha

Jornalista cultural e editora da revista Mitocôndria. Especialista em gestão de projetos. Trabalhou como repórter dos jornais O Tempo e Estado de Minas.

A vereadora Áurea Carolina amplifica as vozes dos movimentos sociais

Ativista de movimentos humanos, tomou assento no legislativo como a vereadora mais bem votada das três últimas eleições. Áurea Carolina nasceu em Tucuruí, no estado do Pará. Aos três anos de idade, mudou-se com a família para Belo Horizonte e passou a infância e a juventude no bairro João Pinheiro. Estudou em escola pública durante a maior parte de sua formação e, na adolescência, começou a se interessar pela arte, a caminho da música e da cultura hip hop. “Essa foi minha primeira escola de formação política e artística”, ela lembra. Hoje, aos 32 anos de idade, diante do maior desafio de sua trajetória, Áurea é uma das lideranças de maior representatividade e carisma da Capital Mineira. Ela se oferece para a gestão de um mandato coletivo, horizontal, pautado na transversalidade e na defesa dos direitos fundamentais.

Desde o resultado das eleições, ela é saudada pela juventude em eventos públicos com o coro: “Uh, é mulher preta”, e vê nessa acolhida um rito de celebração da representatividade conquistada. “É o reconhecimento de um processo de construção coletiva. Sou uma mulher negra que atua há muitos anos em diversas causas. Esse meu aprendizado está colocado integralmente à disposição de uma ocupação formal da Câmara Municipal de Belo Horizonte”, avalia a vereadora. Para Áurea, o coro também é um “grito de esperança”. No meio dessa “conjuntura das trevas”, ela diz que há pontos de alegria, realização e encantamento pela política. Mas, apesar do sorriso largo, o olhar é firme e a palavra decidida, feito bala na agulha.

Graduada em ciências sociais pela UFMG, especialista em gênero e igualdade pela Universidade Autônoma de Barcelona e mestra em ciência política pela UFMG, ela conta que buscou na academia o embasamento teórico para conectar a experiência das ruas, da militância junto aos movimentos sociais com o pensamento crítico contemporâneo. Dos palcos para o plenário de um dos mais cobiçados espaços de poder da sociedade, a menina que, nos anos de 1980 liderou potente grupo de rap em Belo Horizonte, hoje faz da palavra caminho de transformação social. Não pede licença. Age com energia, entusiasmo e já demonstrou que não caminha só. “O desafio é enorme, com uma carga emocional grande de pressão que a gente precisa suportar”, ela reconhece.



Em entrevista à Revista Canjerê, a vereadora relembrou o início de sua trajetória e apontou como pretende dar continuidade ao exercício político, elucidando os eixos da plataforma colaborativa de gestão pública e as frentes de reivindicação que a impulsionam.

O que o Hip Hop representa na sua trajetória?

Essa é uma cultura que envolve muitas linguagens artísticas e foi pelo grafite e o rap que eu me interessei primeiro. Depois entendi que era um universo político de conhecer a cidade, de formação de uma família para além da minha família original. E frequentando eventos de hip hop reconheci parceiros e parceiras, passei a integrar um grupo de rap e me tornei uma ativista.

Em que momento você passou a se interessar pela política?

O hip hop tem uma pegada forte de luta contra racismo, violência policial, discriminação da juventude negra e periférica, desigualdades. Isso já era uma centelha para mim. Desde adolescente, tinha disposição para questionar as injustiças e o hip hop ajudou na minha compreensão de que politizar era disposição que eu já tinha. Não houve um acontecimento determinante para isso. Foram experiências que eu fui vivendo e o conhecimento desta rede de lutas que existe na cidade-que me fizeram relacionar com as pessoas que constroem as lutas e eu me tornei também uma delas.

Qual o papel da universidade na sua formação política?

Foi decisivo para que eu pudesse conectar a minha vivência de luta, de rua, com a produção de conhecimento de maneira mais sistemática. Ter acesso a autoras, autores e debates teóricos que me ajudaram a formar entendimento e a qualificar minhas posições. Não foi fácil porque inicialmente a universidade parecia uma barreira para mim. Muito do que eu vivia na rua não tinha correspondência com a vida acadêmica e isso foi um conflito forte para mim, mas, em algum momento, eu consegui fazer uma ligação mais forte. Tomei a decisão de produzir na universidade para contribuir com esse processo de luta e aí eu fui mais feliz.

O que significa para você ter sido eleita por 17.420 pessoas?

Significa que eu traduzo os anseios de um campo emergente de lutas que não tem representatividade nos espaços de poder. As pessoas encontraram em mim e na construção da qual eu faço parte essa esperança de mudança na política. A responsabilidade é minha e da coletividade que me trouxe até aqui. Eu, pessoalmente, preciso ter uma conduta que seja condizente com os compromissos e todo o processo das lutas que nós apresentamos em campanha, mas que extrapolam muito a disputa eleitoral. A responsabilidade é coletiva porque nós vivemos uma conjuntura extremamente perigosa para as maio-



Foto: Lucas Ávila

rias, para as lutas, e dar suporte a uma mulher negra numa instituição política é também sustentar outras mulheres negras e outras pessoas que fazem esse cotidiano dos movimentos sociais.

Como foi sua experiência como subsecretária das Políticas para as Mulheres de Minas Gerais?

O convite veio desse reconhecimento de uma atuação muito assentada num processo mais abrangente das lutas e foi uma passagem muito rápida na gestão pública. Serviu para ter alguns aprendizados sobre o funcionamento de instituições de poder e para eu ver como o jogo de interesses pode pautar essas instituições. Há necessidades objetivas de infraestrutura, recurso, formação técnica de quem trabalha na gestão, o que é o grande desafio do nosso estado. Pude perceber que as políticas para as mulheres não são prioridades no governo estadual. Pelas dificuldades que enfrentei, tomei a decisão de voltar para o campo autônomo das lutas para construir a movimentação Muitas Pela Cidade que Queremos.

O Brasil passa por um momento de grave questionamento de conquistas sociais importantes. Na sua avaliação, o que gerou este retrocesso?

O que vivemos é o resultado de um processo histórico de domínio das instituições pelos

grupos que têm poder econômico e poder político, e sempre se mantiveram nessas estruturas. Nos anos 2000, com a entrada de um projeto que representava um campo democrático popular, esses grupos começam a sofrer algumas perdas, ainda que mínimas. Começamos a abalar, com esse projeto que entrou no governo pelo PT e vários movimentos sociais, a estrutura de distribuição de riquezas em nosso país. Isso não foi aprofundado, não se completou, e agora as conquistas que realmente tivemos na estruturação de políticas públicas nesse período estão sendo desmanteladas. O retrocesso que a gente tem vivido é uma decisão deliberada desses grupos de não permitirem que aqueles avanços incipientes continuem. E agora eles estão tratando de arruinar o que nós erguemos para se sobreponem novamente. É uma ação tão violenta que se direciona também às pessoas que constroem as lutas, aos defensores de direitos humanos. É uma tentativa de desarticulação dos processos de resistência. Por isso, faz tanta diferença que nós ocupemos de novo as instituições. Fazer esse percurso agora é uma condição de enfrentamento dessa conjuntura golpista.

Quanto aos direitos humanos, quais são as questões prioritárias neste momento?

A agenda de direitos humanos é múltipla, transversal e envolve todas as questões de enfrenta-

mento às injustiças. Vejo, neste momento, o direito das mulheres, num registro muito amplo, o impacto em perspectiva de gênero de todos esses retrocessos que estão acontecendo na agenda previdenciária, trabalhista, educação, saúde, segurança pública. O direito dos povos indígenas, por exemplo, tem a ver com uma questão de soberania e também uso dos recursos naturais. Nesse sentido, a questão da justiça ambiental também aparece como uma grande pauta dos direitos humanos no Brasil hoje. Também são prioridades a luta pelo fim do genocídio da juventude negra e da população negra, que também envolve as mulheres, a população LGBT. E ainda o modelo de segurança pública, política de drogas, sistema penal, sistema carcerário, e a questão das cidades, dos territórios, da moradia, que se conectam com todos os outros pontos. É uma rede muito ampla de enfrentamento dos grandes poderes.

Como você lida com essa atual conjuntura que sinaliza urgência de providências quanto a questões tão agudas a serem enfrentadas?

Lido com essa conjuntura tão regressiva como uma agente pública comprometida com a defesa permanente de lutas que não têm conseguido ainda mudar esse quadro de violência, luta das mulheres, da juventude, da população negra, LGBT, indígenas, das ocupações urbanas. Essa rede

potente, embora tenha denunciado e desenvolvido práticas para enfrentar as violências, ainda não consegue alterar o jogo das instituições de poder. Então eu me coloco também como uma lutadora que ocupa um espaço de poder e utilizo dessa oportunidade para contribuir com a vocalização dessas lutas.

O que te parece mais preocupante neste cenário?

Neste momento histórico de transição, de desmonte do mínimo de institucionalidade democrática que nós havíamos conquistado desde a redemocratização, nós agora precisamos instituir força autônoma de ação coletiva, e ainda precisamos simultaneamente pressionar as instituições, por mais que elas estejam capturadas por setores antidemocráticos. Não podemos sabrer mão das instituições porque dar passagem para esses grupos continuarem controlando, sem uma cobrança crescente da sociedade civil, é correr o risco de que haja um agravamento deste quadro. Essa tendência é muito forte no nosso país e no nosso continente. Estamos vivendo um ciclo histórico de retirada de direitos que a gente vai demorar muito para reverter. Então, o papel dos movimentos sociais é continuar denunciando, construir alternativas de ação para além do estado e das instituições de poder, mas também provocar e pautar permanentemente esses espaços.

Já é possível fazer uma avaliação destes primeiros meses de mandato?

São menos de três meses de trabalho muito intenso, diálogo amplo com forças diversas da cidade, um aprendizado sobre a vida institucional na Câmara Municipal de Belo Horizonte: como é a burocracia interna, o funcionamento das comissões, de plenária, a relação com os colegas vereadores, a possibilidades de articulação, o desafio de lidar com uma política tradicional masculina, branca, de pessoas que têm muitos privilégios e que se utilizam da institucionalidade para manter esses privilégios e lidar com a população em geral com uma lógica muito clientelista. Ao contrário disso, o que pretendemos construir é um mandato aberto, de experimentação democrática que seja pautada a partir da participação das pessoas conosco. Nosso contraponto é fazer um mandato que não

reproduza essas práticas que não representam a maioria das pessoas e que é distanciada da população. Desafio enorme, com uma carga emocional grande de pressão que a gente precisa suportar. Temos que aprender a lidar com isso e tem um aprendizado que é de conteúdo mesmo das agendas que nós defendemos e das que se chocam com as que defendemos, de como a gente pode fazer um debate saudável, com respeito. Nem sempre as pessoas aqui lidam de forma respeitosa, sobretudo os parlamentares. E reconhecer também que há uma equipe técnica muito qualificada na Câmara, pessoas muito sérias, comprometidas e que têm nos apoiado. É um misto de sensações, mas é muito bom estar aqui porque nós lutamos muito. São séculos de opressão que fundamentam a nossa caminhada, mas são também séculos de resistência. Por isso estar aqui é uma grande chance.

A política tem seus vícios históricos, mas você tem defendido, com bastante firmeza, uma novaprática. O que te faz acreditar nesta possibilidade?

Perceber que o principal é um sentimento que faz diferença, esse empenho individual e coletivo. Não basta a gente denunciar as estruturas viciadas, a gente precisa se implicar nas tentativas de sair dessa trama perversa. Isso é muito exigente. É um esforço cotidiano de rever como nos sentimos, como lidamos, como agimos na política. Eu acredito em outra política desde que ela seja algo que paute a nossa existência. Então, a Gabinetona, nosso mandato coletivo, tem exercitado isso. É por aí que vamos conseguir mostrar que é possível continuar com as mudanças, com as práticas, falando das dificuldades, dos erros, mas também dos avanços e do que estamos conseguindo decifrar daqui.

O que vivemos é o resultado de um processo histórico de domínio das instituições pelos grupos que têm poder econômico e poder político, e sempre se mantiveram nessas estruturas.

Foto: Rafa Aguiar

COMPORTAMENTO

Mulheres negras e cabelo em Moçambique

Denise Ferreira da Costa Cruz

Doutoranda em Antropologia Social e mestra em Antropologia Social pela UNB, graduada em Ciências Sociais pela UFMG. Realiza pesquisa sobre Moçambique desde 2006.

Que leveza busca Vanda?

Encontro entre mulheres negras e seus cabelos.

O que acontece quando mulheres negras de países distintos, Brasil e Moçambique, se encontram para falar de cabelos?

Quais emoções são despertadas nas mulheres negras na lida com o cabelo crespo?

Em Agosto de 2011, fui pela primeira vez para Maputo, Moçambique. Conheci uma mulher que depois se tornou amiga. Seu nome é Vanda. Nos bairros caniços – bairros periféricos da cidade –, as mulheres dedicavam as

manhãs de sábado para cuidarem umas das outras.

Tudo parecia lúdico e divertido até que um dia, conversando com Vanda, ela me revelou a esfera pesada de se ter cabelos crespos. Ela disse: - Sabe porquê nós fazemos isso com nosso cabelo? Porque nosso cabelo é pesado. - disse com os olhos cheios d'água. Nosso cabelo não cresce.

Ele tem a peculiaridade de, quando deixamos ele sem desfrizar (alisar), ele fica curto, pesado. Esse desabafo que surgiu em uma de nossas conversas me

revelou a esfera pesada de se ter cabelos crespos em Maputo e me conectou com a história de Vanda.

Para mim, ter o cabelo crespo era também motivo de sofrimento, hoje transformado em alegria graças a um trabalho de consciência e afirmação.

Assim, me pergunto: Que leveza busca Vanda? Que peso é esse que está difícil de carregar em seu corpo? Perguntas mais do que respostas sobre a minha experiência estético-corporal como uma mulher moçambicana.



Foto: Denise Costa

CANJERÊ

Literatura, Dança, Pintura, Música – Arte e Cultura Negra em Foco

Equipe Casarão das Artes (textos e fotos)

Revista Canjerê: 5ª edição

O lançamento da 5ª edição da revista Canjerê, em dezembro passado, contou com a participação de duas ilustres artistas: a poeta paulistana Mel Duarte, e a rapper mineira, Kainná Tawá. Os seus textos, poéticos e musicais, são marcados por um ativismo antirracista, contra o machismo e o patriarcado e deram o tom da linda tarde de sarau que ocorreu no Centro de Referência da Juventude/Biblioteca Pública Infantil e Juvenil de Belo Horizonte.

Foi de fato um momento impactante e poético para todas as pessoas presentes. Algumas das falas de Mel: “Ser jovem e fazer poesia hoje em dia, falar sobre amor, racismo e machismo – entre outras opressões – é um ato político. Qualquer manifestação artística que chega para expandir o conhecimento, provocar e tirar as pessoas do senso comum, ao meu ver, é totalmente política.” Na ocasião, Mel Duarte lançou em BH a sua obra “Negra Nua Crua”. Desde pequena, a música faz parte da vida de Kainná Tawá. Entre 2006 e 2008, integrou o grupo de rap Remanescentes. Depois de um tempo se dedicando ao circo, e às danças urbanas, Kainná voltou ao universo musical.



Lançamento de Outra Vez Mariana

No dia 18 de fevereiro deste ano, dois colaboradores do Instituto Cultural Casarão das Artes lançaram o livro “Outra Vez Mariana”, de autoria da madrinha da instituição Madu Costa, com ilustração do jovem estudante Artur Viana.

Madu e Artur falaram ao público sobre o processo criativo que os motivou para a criação da obra. O evento, ocorrido em mais um espaço parceiro do Casarão das Artes - Museu das Minas e do Metal, estava repleto de leitores.

Além do brilho de Madu e Artur, Raisla Maria e João Lucas, outros artistas colaboradores do Casarão das Artes, tiveram participação artística no lançamento. E, assim, iniciamos o ano de 2017 com bastante criatividade literário-artística.



Visita ao Quilombo Mato do Tição

No dia 08 de abril, fizemos uma visita ao Quilombo Mato do Tição, comumente chamado de Quilombo Matição em Jaboticatubas, Minas Gerais. Durante a excursão àquele Quilombo, cujo patriarca e mestre é o senhor Badu, foram recebidos os mestres quilombolas, Bispo e Noturno.

A visita ao Quilombo fez parte de um projeto que várias universidades brasileiras estão desenvolvendo Formação Transversal em Saberes Tradicionais: Confluências Quilombolas. Neste caso, estudantes de diferentes cursos da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, participaram das aulas, e da visita ao Quilombo. Silvio de Siqueira, ou seu Badu, manifestou a humildade que caracteriza o homem do campo. “Todo mundo tem que conhecer mais sobre a terra e saber que é preciso combater o agrotóxico. O povo não tem alimento sadio, e o organismo não aguenta isso, além do que a medicina não dá conta de curar”, disse ele, que é profundo conhecedor das plantas medicinais.

Seu Badu lembrou que os quilombolas e outras comunidades precisam de ajuda para permanecerem em suas terras. Defendeu que não existe “terra que não presta” porque é dela que saem os alimentos e os remédios. “Estamos fazendo covardia com a terra, e ela cobra de nós, os agressores”, disse.

Canjerê Mulher – Corpo Fala !

Pelo quarto ano consecutivo, o Instituto Cultural Casarão das Artes celebrou o Dia Internacional da Mulher, enfatizando a cultura e a arte da mulher negra. Desta vez, o evento, que aconteceu no dia 23 de março, no Museu das Minas e do Metal, contou com a performance da dançarina Suellen Sampaio, além de uma roda de conversa com ela, e com o artista plástico e pesquisador, Marcial Ávila, presidente do Casarão das Artes. Na oportunidade, ambos fizeram reflexões acerca do cenário sobre as relações étnico-raciais no Brasil, considerando, também, o dia 21 de Março – Dia Internacional de Luta pela Eliminação da Discriminação Racial.

Marcial Ávila é natural da cidade de Diamantina, do estado de Minas Gerais e formado em Artes Plásticas pela Escola Guignard, da Universidade Estadual de Minas Gerais, com especialização em escultura e desenho, além de pós-Graduado em Estudos Africanos e Afro-Brasileiros pela PUC/MG.

Suellen Sampaio tem 22 anos. Passou pelo ballet clássico e pela dança contemporânea. Começou a fazer aulas de dança afro por se interessar pelo estilo, pela cultura, pela resistência. No Canjerê Mulher, apresentou a performance CORPO FALA, trazendo a ideia de que qualquer corpo tem sua fala, independente de sons.



Retomada da parceria com o Memorial Minas Gerais Vale

No dia 07 de maio, por meio do evento Eu, Criança, no Museu, o Casarão das Artes retomou o projeto Resenhas Pretas no Museu. A atividade contou com a participação de duas meninas cantoras: Sarah e Zahi.

Talento de sobra

Samira Reis

Formada em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo. Possui MBA em Comunicação Integrada. Também é modelo e responsável pelo blog Baú da Preta

As atividades propostas pelo Casarão das Artes são desenvolvidas por todos aqueles que, de alguma forma, estão ligados à arte e à cultura negra. A contribuição intelectual e profissional de cada um é de extrema importância para a realização dos mais diversos eventos. Na equipe, uma das participantes é Maria Luiza Viana. Graduada em Artes Visuais e Mestre em Arte e Tecnologia da Imagem, Luiza construiu um extenso trabalho quando atuava na Prefeitura de Belo Horizonte, em projetos envolvendo graffiti e outros tipos de intervenção urbana, em diversas regiões de Belo Horizonte. Hoje, ela é professora no Curso de Design na UFMG.

Para Luiza, a temática negra sempre esteve presente na sua profissão, sobretudo o graffiti e o hip hop, assuntos que foram a base do seu Mestrado na UFMG. Interessam-me os movimentos culturais urbanos, na pós-modernidade, como o graffiti e hip hop e o conjunto de suas expressões que, ao meu ver, trouxeram mudanças significativas no design e nas artes, a partir dos anos 1970. Tenho publicado vários artigos sobre o tema”, explica.

Entre as publicações que produziu, destacam-se suas participações; no Guia Ilustrado de Graffiti e Quadrinhos em 2004, no livro “Espaço Urbano e Afrodescendência da UFC em 2007, no Projeto “da Rua: Que pintura é essa?” realizado pela FUNARTE em 2009 e no livro “Telas Urbanas”, iniciativa do Museu de Arte da Pampulha de 2016 que reuniu graffiti de vários artistas, produzidos em espaços públicos de Belo Horizonte.

Além das atividades de pesquisa na UFMG, Luiza também produz ilustrações e peças gráficas, muitas destas desenvolvidas para projetos e eventos do Casarão das Artes. “Hoje, como professora no Curso de Design da UFMG, tenho a oportunidade de atuar na área da produção da imagem no Design, buscando a convergência deste campo, na teoria e na prática”, diz.

Fazer parte do Casarão das Artes, segundo Luiza, é mais do que uma identificação com a cultura e a arte negra. “O tema da negritude para mim vai muito além da busca por uma estética particular, trata-se de posicionamento político”, afirma.

Foto: Leo Olivera



Guarda de Moçambique Treze de Maio de Nossa Senhora do Rosário

Equipe Casarão das Artes



Foto: Rosália Diogo

Salve Maria!

Em um dos bairros mais antigos de Belo Horizonte, o bairro Concórdia, está o Reinado da Guarda de Congado de Belo Horizonte, e de Minas Gerais - Guarda de Moçambique e Congo 13 de Maio de Nossa Senhora do Rosário.

Rainha da Guarda, durante mais de três décadas, Dona Isabel Casimiro das Dores Gasparino faleceu em 2015. A coroa foi passada para a sua filha, Isabel Casimira, em 2016.

O reinado mantém a tradição da cultura matriarcal na medida que a mãe da rainha falecida em 2015, Dona Maria Casimira das Dôres, foi a fundadora da Guarda, em 1944.

A função social daquele espaço é inestimável. Há um grande esforço para que se mantenham vivas as raízes e tradições construídas desde o século passado pela família da senhora Maria Casimira.

O que se vê ao longo desses 73 anos, desde a fundação

desse importante espaço que salvaguarda a memória e a identidade negra, é a colaboração de pessoas e instituições plurais.

Estudantes e professores de diversas áreas do conhecimento, sobretudo da Universidade Federal de Minas Gerais, são colaboradores efetivos no reinado. A colaboração se dá por meio da participação na organização das festas de Nossa Senhora do Rosário, e outras, que contribuem para a obtenção de recursos que possam ser usadas para a

melhoria do espaço físico.

Para além de estudantes, importantes artistas que atuam no cenário cultural da cidade contribuem com a Guarda, doando o seu saber cultural e promovem festas com caráter beneficente. Em abril de 2017, por exemplo, o Grupo Berimbrown realizou um show no terreiro de Sá Rainha.

Durante os treze primeiros dias do mês de maio, ocorre a festa que louva Nossa Senhora do Rosário, rememora os tempos do cativo e a abolição da escravidão. A celebração traz anualmente ao bairro Concórdia cerca de 20 guardas vindas de outras regiões de Belo Horizonte e do interior do Estado. Em 2017,

a agenda festiva teve início no dia 1, e encerramento no dia 14 de maio. Para uma das noites do encontro, Sá rainha Isabel convoca os apoiadores, de maneira bem carinhosa: "Olá, parceirada, chegou o dia! Vamos venerar nossa mãe querida. Venham comemorar conosco uma noite de fé e harmonia". O Boi da Manta sai pelas ruas do bairro Concórdia e região trazendo a integração dos moradores do bairro, que reservam no calendário as suas participações na tradicional festa. O Boi causa imensa alegria aos moradores, principalmente às crianças, cantando e louvando os antepassados, visitando casas de devotos e outros Reinos. A festa é cons-

tituída de novenas, cumprimento de promessas, levantamento de mastros, coroações de rainhas e reis, cortejos solenes, missa-conga, cantigas, danças e banquetes, em forma de comunhão.

Destacamos, dessa forma, o espaço que abriga a Guarda de Moçambique Treze de Maio de Nossa Senhora do Rosário como um dos espaços sociais mais importantes de Belo Horizonte, socialmente habitado pela fé, pela religiosidade, pelo espírito de irmandade. É também um espaço em que as pesquisas científicas encontram insumos para formulações, ampliação do conhecimento da cultura popular ancestral e debates.



Foto: Rosália Diogo

Uma história negra de sucesso literário

Etiene Martins

Jornalista, publicitária, book tuber, livreira, idealizadora do jornal Afronta



Foto: Etiene Martins

Maria Mazarelo Rodrigues há mais de três décadas vem colorindo os contos de fadas, colocando aquele toque bem elevado de melanina nas peles das princesas, príncipes e super-heróis. Filha de uma lavadeira e de um carpinteiro, Maza (apelido pelo qual é conhecida) mudou-se para Belo Horizonte aos 13 anos de idade logo após o falecimento do pai. Chegou à cidade já empregada como secretária de um médico, mas esse foi só o começo da vida profissional de uma menina negra que aprendeu a ler aos quatro anos de idade.

O início da trajetória profissional de uma mulher negra, mesmo que extremamente competente, não é nada fácil. Não muito tempo depois de conseguir o seu primeiro emprego na capital mineira, Maza não se deu por satisfeita, saiu do emprego, pois o salário era muito baixo, se inscreveu no processo seletivo do curso noturno do Instituto Municipal de Administração de Ciências Contábeis (IMACO). “O principal motivo era o fato de o IMACO ser uma escola gratuita. Assim eu poderia estudar à noite e trabalhar durante o dia. Fui aprovada e fui parar em uma classe em que eu era a única negra. Mesmo diante da formação, as portas não se abriam e Maza não tinha a compreensão dos colegas de classe. Foi nesse exato momento da vida que a ponte-novense teve seu primeiro contato com o racismo institucional. “O pessoal gostava de me chamar de Mariazinha: Mariazinha, você é uma menina

triste, o que acontece? Ninguém entendia que o motivo de eu não conseguir emprego era porque eu sou negra. Por isso, tentaram me ajudar – tinham bons empregos – mas toda vez que eu voltava, dizia o mesmo: fui recusada na entrevista. E eles mesmos acabaram percebendo que a questão era a aparência.”

Corporeidade negra é um assunto que se reflete e se discute com muita intensidade atualmente, mas já se fazia presente na vida de Maza e isso era um grande empecilho de ingresso no mercado de trabalho. “Essa questão de aparência era muito séria. Desde pequena, eu alisava o cabelo. Aliás, quando pequenos nós não queríamos ser negros. Mas por que não querer ser negro? Por que negro é maltratado, fica para trás, segue um estereótipo e o cabelo é a questão da mulher. Cabelo de negra é o grande X da questão. Chamam-nos de cabelo duro. “É a nega de cabelo duro!” Por isso alisávamos o cabelo com pente quente, saía um cheiro forte de queimado. Passávamos a vaselina, o cabelo fritava. Moral da história: aquilo queimava o couro cabeludo! Ainda passávamos uma pasta a base de soda que sempre deixava uma ferida na cabeça. O ideal era ter o cabelo liso para melhorar a aparência, conseguir chegar e reivindicar um emprego, mas nada disso funcionava.”

Maza não se deu ao luxo de desistir, persistiu e com a ajuda de uma colega de sala conseguiu

“O primeiro grande trabalho editorial, de fato, foi uma coleção, Minas e mineiros”, e digo que chegou às minhas mãos pela misericórdia divina.

um emprego “No último ano do IMACO, eu fiz amizade com uma colega de sala que conseguiu para mim um emprego de auxiliar de escritório de uma mobiliadora no bairro Floresta. As vendas na empresa eram feitas a prestação. Tinham dois cartões, um que ficava com o cliente, e o outro no escritório. Então a pessoa pagava a prestação e nós rubricávamos. A contadora Marilsa era a responsável pelo caixa e quando o dinheiro sobrava o proprietário, que era o Sr Isaac, colocava-o no bolso. Mas quanto faltava dinheiro acontecia algo errado, era a Marilsa que tinha que repor a quantia. Um dia chegou uma cliente na loja dizendo que havia pago a prestação, mas quando o Sr Isaac foi conferir, não constava o pagamento no cartão da loja. Marilsa perguntou a ela a quem ela tinha entregado o dinheiro e a cliente se virou para mim. Era verdade. Eu havia esquecido de rubricar o bendito cartão. Conferimos a data e havia sobrado exatamente a quantia que ela tinha indicado. Evidentemente ele havia pegado o dinheiro e colocado no

bolso. Ele começou a gritar: “Ladra! Ladra! Pode botar para fora”, relata Maza.

Desempregada, Maza continuava tendo amigos que sempre fizeram a diferença em sua trajetória, foi quando “O Avelar quis me ajudar a arrumar um emprego de qualquer maneira. Conversou com os responsáveis diretos de uma gráfica e conseguiu que eu fizesse um teste de datilografia. Fiquei muito entusiasmada por que pagavam um salário mínimo. A nossa meta era ganhar um salário mínimo. Os meus irmãos ganhavam, compraram lote e conseguiram construir um barracão para morar depois de casados. Fui fazer o teste e quando cheguei, olhei para a máquina de escrever e perguntei: “Mas que máquina é essa? “ O entrevistador olhou para mim e ficou com dó. Era uma IBM executive elétrica. “ Eu nunca tinha trabalhado em uma máquina elétrica, até tentei fazer o teste, mas eu não sabia nem ligar a máquina e desabei a chorar. Chorei muito”. Sem êxito na entrevista para trabalhar com datilografia, foi ofertada à Maza um emprego na equipe de limpeza como faxineira, mas apenas uma coisa importava para ela, o salário. “É claro que aceitei! Seria para fazer faxina, limpar chão, o banheiro, mas eu aceitei. Não tinha problema eu já estava acostumada a fazer faxina em casa.”

“O tempo foi passando e no segundo, terceiro meses eu acompanhava aquele processo dinâmico e interessante de gráfica. Ficava maravilhada com a questão da composição. O material vinha escrito à mão. Primei-

ro, passava pela composição na máquina. Depois por uma câmera escura, o fotolito. E assim se fazia o livro. No terceiro mês, quando estava entendendo o processo de fazer livro, Henrique um dos funcionários, me perguntou se não gostaria de aprender a compor. Era tudo que eu queria. Eu levava a minha marmita e na hora do intervalo eu aprendia. Aprendi um pouco sobre tudo”, declara Maza, que logo saiu da faxina e foi convidada a trabalhar no setor de acabamento e, em sequência, no setor de composição. Daí em diante, Maria Mazarelo Rodrigues não parou mais.

Graduada em jornalismo na segunda turma do curso da UFMG, Maza, em 1979, ingressou no mestrado na Universidade de Paris e cursou editoração completa. Foi durante o mestrado que a mineira de Ponte Nova “descobriu” que o negro poderia ser muito mais na literatura que o mercado editorial brasileiro permitia. “Naquela época, já estava pipocando a questão dos movimentos negros, e tudo que acontecia aqui no Brasil repercutia lá. Eu fui acompanhando aquela discussão. Havia reuniões na universidade sobre negritude. Os grupos faziam diversas reivindicações, entre elas a questão relacionada com a publicação de livros de autores negros. Era uma novidade para mim e fui ficando antenada para os autores negros que eram publicados na Europa. Eram poetas africanos, ilustradores... Nas ilustrações de livros infantis, as figuras não eram iguais a que gravei na minha cabeça durante a infância, que mostrava um negro feio, estereotipado.

Por causa dessas ilustrações, eu não queria ser negra.”

Maza concluiu o mestrado e colocou sua primeira publicação em circulação. “Cheguei a fazer quatro edições de três mil exemplares desse primeiro livro. Nesse projeto, vendia os livros a preço de custo, ou até abaixo do preço de custo para oferecer às escolas que tinham professoras negras dentro dos movimentos. Até por que não quer dizer que toda escola que tinha uma professora negra, que se assumia como tal. Então essas poucas professoras negras como Patrícia Santana, Benilda Regina, Consuelo Dores Silva, Rosa Margarida de Carvalho Rocha, eram as que conseguiam que esse material fosse adquirido pelas escolas onde lecionavam”.

As portas da editora já estavam abertas, mas para continuarem a persistência da proprietária foi essencial “Abri a editora em 1981, quando eu voltei da Europa, e só depois de 23 anos de luta inclemente, de falta de dinheiro e de muita dificuldade que conseguimos reerguer. Nesse tempo, eu dei assessoria, trabalhei em programa de governo, dei aula na PUC, na Newton Paiva, na FAFICH. Então, eu dava aula para me sustentar, tinha que morar, tinha que comer. Roupa, então, não comprava de jeito nenhum. Era uma dificuldade danada”.

Questionada de como e quando foi o primeiro grande trabalho, Maza fala com entusiasmo de como conheceu um dos que é hoje um dos melhores escritores brasileiros “O primeiro gran-

de trabalho editorial, de fato, foi uma coleção, “Minas e mineiros”, e digo que chegou às minhas mãos pela misericórdia divina. De Juiz de Fora, veio uma professora, pesquisadora e doutora, Núbia Pereira Magalhães Gomes, e o estagiário e aluno dela chamado Edimilson de Almeida Pereira. Não sei como esse pessoal me encontrou, mas eles foram até a mim pela temática do livro que fizeram, intitulado **Assim se benze em Minas Gerais**. A partir daí, oportunidades foram surgindo, a militância me ajudou e todos reconheciam o que eu fazia, sobretudo os autores de maior reconhecimento como Cuti, Nilma Lino Gomes e o Edimilson”.



Foto: Etiene Martins

NEGÓCIOS

Empreendedorismo no Quilombo

Nathália Luz

Técnica em Audiovisual pela Escola de Arte e Tecnologia Oi Kabum!, graduanda em Cinema pela UFRB. Cursa Patrimônio Cultural na Escola Livre de Artes - Arena da Cultura.

A Comunidade Quilombola dos Arturos, situada em Contagem, Minas Gerais, surgiu da união dos descendentes de escravizados Arthur Camilo Silvério e Carmelinda Maria da Silva. Ambos viviam e trabalhavam no início do século XX na região metropolitana de Belo Horizonte, nos municípios de Contagem e Esmeraldas. Considerada Patrimônio Cultural Imaterial pelo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais, IEPHA/MG, a comunidade há mais de 100 anos reúne tradições herdadas por seus fundadores dentre as quais estão a Folia de Reis, o Candombe, o Reinado de Nossa Senhora do Rosário, a Festa da Abolição, a Benzeção, a culinária dos Arturos, o conhecimento das plantas, entre outras. Dentre suas diversas características, a comunidade também apresenta um caráter empreendedor. A seguir, um pouco da história dos empreendimentos de Maria Goreth, Marley Márcia e costureiras.

Foi da necessidade de fazer terapia e a partir da demanda dos visitantes à comunidade que Maria Goreth começou a produzir tambores de lata, brincos e colares de tambor. Moradora da comunidade há mais de 20 anos, Goreth faz seus produtos inspirados em sua vivência congadeira, sendo eles uma réplica do tambor do Congado. “Importante frisar que trabalho com símbolos da cultura negra. Valorização da cultura, de onde viemos e da vivência da cultura congadeira”. Ela acrescenta, “Meus artesanatos agregam a representatividade e a construção de identidade do negro. Valoriza sua autoestima. Valoriza o quilombola e, em especial, o quilombo dos Arturos e suas tradições”.

Já Marley Márcia, moradora da comunidade há três anos, devido a necessidade de ter seu dinheiro em época de desemprego, há quase um ano começou a fazer brincos afros de folhas, tecidos, MDF, cascas e sementes, os quais, para ela, também agregam a representatividade e identidade do negro. “Estavam precisando de pessoas que fazem essas coisas africanas, coisas que representam o negro”. Seus produtos, bem como os da Maria Goreth, são vendidos nas festas tradicionais da comunidade, em feiras e por encomenda, sendo que os tambores de lata também atendem demandas de instituições de ensino.

O grupo das costureiras formado por Alessandra, Andréia, Ângela Maria (Pirusca), Conceição Maria (Nenzinha), Cristina, Dalvina, Flávia,



“Importante frisar que trabalho com símbolos da cultura negra. Valorização da cultura, de onde viemos e da vivência da cultura congadeira”.

Maria das Graças (Graça), Maria Madalena (Miria) e Patrícia, através de maquinário industrial, produzem pano de prato, puxa saco, suporte para papel higiênico e forro para fogão. Patrícia Santos, moradora da comunidade há mais de 20 anos, conta que a escolha inicial de tais produtos está no propósito do grupo em si manter independente. “O intuito do grupo é se manter sem precisar de recurso de outros. Com isso, cria-

mos coisas bem práticas. Pano de prato, por exemplo, ninguém fica sem. Do pano de prato a gente consegue chegar a outros produtos como cortinas, colchas e capas para sofá”. Com o empreendimento, Patrícia acredita que tanto ela quanto suas companheiras conquistam mais o seu empoderamento. “É bom saber que você pode mais. A mulher não tem apenas que trabalhar em casa. Não desmerecendo seu

trabalho em casa, ela descobre que também pode fazer um pano de prato. Vê-lo ir para o mercado e disso obter algum lucro levanta a autoestima. Enquanto mulher e enquanto grupo”. Atualmente, seus produtos são vendidos por encomenda com a expectativa de também vendê-los na futura feira da comunidade. Uma feira para a exposição de todos os produtos feitos pelos moradores daquele local.



Liberdade e democracia são valores que definem Minas Gerais. Na nossa Assembleia Legislativa, esses ideais estão sempre presentes no debate, no diálogo e na luta diária pelos interesses de Minas e dos mineiros. Participe! É com você que a Assembleia se torna, cada vez mais, o poder e a voz do cidadão.

ÁFRICA

Festival literário: Escritores moçambicanos homenageados no Brasil

Albino Moisés

Fotógrafo, jornalista e cronista do Jornal Notícias de Moçambique

Rosália Diogo

Professora, pesquisadora, curadora do Casarão das Artes, coordenadora do Festival de Arte Negra de Belo Horizonte



Foto: Rosália Diogo

Os escritores moçambicanos, Ungulani Ba Ka Khosa, Paulina Chiziane, Lucílio Manjate, Danny Wambiri, Mbate Pedro, Langa-reOkapi representaram Moçambique em um evento literário no interior de Minas Gerais na cidade de Poços de Caldas. Eles estiveram presentes na 12ª edição da Feira Internacional do Livro de Poços de Caldas (FLIPOÇOS 2017), que aconteceu entre os dias 29 de abril e 07 de maio, na qual Moçambique foi o país homenageado.

A notícia foi divulgada com

detalhamento e orgulho pelo jornalista e fotógrafo moçambicano, Albino Moisés, em sua coluna, no Jornal Notícias, de Moçambique. Reproduzimos abaixo, com adaptações, o texto do jornalista:

“O evento arrancou no sábado passado e vai decorrer até sábado, em Minas Gerais, Brasil, onde a arte e a literatura moçambicanas são os pratos mais fortes. O mesmo comporta várias actividades que envolvem escritores moçambicanos e de outras paragens do mundo.

Ungulani Ba Ka Khosa e Pauli-

na Chiziane foram homenageados no dia da abertura do festival, no Teatro Urca, pela sua intervenção cultural dentro e fora do país, e ainda pelo compromisso que abraçaram em prol da acção literária, para além dos fortes laços que têm com o Brasil.

Durante este evento, Lucílio Manjate e Sangare Okapi lançaram os livros “A triste história de Barcolino, o homem que não sabia morrer” e “Mesmos barcos ou poemas de revisitação do corpo”, respectivamente.

Por seu turno, Ungulani Ba Ka

Khosa autografou “Orgias dos loucos”, obra há pouco lançada pela editora brasileira Kapulana. Ba Ka Khosa fez também parte do “Reencontro das Línguas Lusófonas-Brasil, Portugal e Moçambique”, com Afonso Cruz (Portugal), Kátia Bandeira de Mello Gerlach (Brasil/EUA), com moderação de Susana Ventura.

Sangare Okapi e Mbate Pedro conversaram com o escritor brasileiro Vladimir Queiroz sobre as literaturas moçambicana e brasileira.

Com efeito, não só os autores convidados fizeram parte da FLIPOÇOS. Os trabalhos de outros escritores nacionais estiveram no festival porque o poeta Mbate Pedro, na qualidade de editor da “Cavalo do Mar”, levou consigo as obras de Andes Chivambo, Amosse Mucavele, M.P. Bonde e Hélder Faife, que atraíram interesse de editoras brasileiras”.

A escritora Paulina Chiziane esteve em Belo Horizonte, antes de ir para a cidade de Poços de Caldas. Ela foi recebida na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC, onde palestrou, com a mediação das professoras Terezinha Taborda, Nazareth Fonseca, Íris Amâncio e Leda Maria Martins, que fez uma interpretação poética da obra da escritora moçambicana.

Colaborador@s do Casarão das Artes, estiveram presente na PUC, e colheram algumas das palavras de Paulina Chiziane. Eis um breve relato da experiência lá vivida. Ao ser indagada sobre como ela foi despertada para o processo de escrita, Chiziane narra uma história que se asse-

melha a tantas outras, de outras e outros escritores – “Nas séries iniciais de escolarização, eu estudava em escola de freiras, e gostava muito de escrever. Um dia, uma freira disse: a melhor redação da sala é da Paulina, mas, Paulina, a sua escrita está cheia de erros, no entanto, as suas palavras têm alma. E eu fiquei incomodada, a pensar sobre a alma das palavras”.

Segundo Chiziane, mais tarde, quando cursava a escola secundária, se deparou com um livro da escritora portuguesa Florbela Espanca. E uma frase lhe chamou a atenção, pois a fez se lembrar da frase “esquisita” que a freira disse para ela no passado, sobre o seu próprio texto. A frase que ela encontrou no livro de Espanca dizia do “coração das pedras a bater”. Foi a partir daí que Paulina Chiziane ficou instigada a pesquisar sobre as palavras, so-

bre como usá-las, bem como a se aprimorar no uso de metáforas.

O Casarão das Artes esteve em Poços de Caldas também. Mais uma vez, colhemos o relato da escritora Paulina Chiziane, única mulher presente na comitiva vinda de Moçambique. Ela disse que foi à volta da fogueira que criou a maior parte das histórias que coloca no papel para as nossas leituras. Em um dos textos dela, na obra *As Andorinhas*, a personagem criada por Chiziane narra que “não somos galinha, somos águia, estamos preparados para voar”.

E, nós, que somos amantes da cultura moçambicana, com especial carinho para a literatura, saudamos a iniciativa da Flipoços. O nosso desejo é o de que novas, e muitas iniciativas que visam homenagear países africanos, sejam uma constante no Brasil.



Foto: Rosália Diogo

La música, estrategia para no olvidar

Rosana Martínez Gil

Magíster en Educación en la línea de Etnicidad, colonialidad e interculturalidad de la Universidad Pedagógica Nacional, Docente e Investigadora de la Corporación Universitaria Minuto de Dios "UNIMINUTO", docente de la Secretaría de Educación de Bogotá.

La historia de la música es un terreno que todavía aguarda por su consolidación como un campo consistente de investigación en Colombia. Sin embargo, se pueden constatar algunos avances importantes, no solo en el conocimiento histórico mismo, sino en cuanto a la modernización de las prácticas investigativas se refiere. A pesar de que muchos de los trabajos en este terreno exigen una revisión crítica de sus hallazgos, y muy a pesar de que la cantidad de interrogantes empíricos sigue siendo enorme y del manifiesto atraso con relación al progreso de la disciplina en otros países latinoamericanos, poco a poco los estudios histórico-musicales sobre Colombia han empezado a evidenciar innovaciones significativas a nivel metodológico y en sus esquemas de análisis e interpretación, en virtud de los aportes provenientes de la musicología y de otras disciplinas con mayor tradición investigativa en el país, como la historia, la antropología y la sociología.

Sergio Ospina Romero

En la localidad de Ciudad Bolívar en Bogotá Colombia, se encuentra la cantaora y líder afrocolombiana Aurora Casierra Coime, quien día a día intenta mantener las tradiciones transmitidas por su familia en Vuelta del Gallo Tumaco, pueblo que la vio nacer y un día también la vio partir a causa del desplazamiento forzado producto de la "violencia".

Lamentablemente, Colombia es un país que ha padecido las inclemencias del conflicto armado desde hace más de 67 años, trayendo consecuencias económicas, políticas, sociales, y culturales representadas en la violación de los derechos humanos, la desaparición forzada,

el aumento de la pobreza, el desempleo, la disminución en los niveles educativos y otros aspectos que lo único que han favorecido es la brecha social entre unos y otros.

Esta situación trae a Aurora a Bogotá en condición de desplazada, la capital se convirtió en el lugar donde ella y su familia tuvieron que vivir momentos de angustia, sufrimiento y discriminación, generando al mismo tiempo sentimientos encontrados de "tranquilidad", temor e incertidumbre que expresa en algunos fragmentos de la Narrativa Cantada de su autoría titulada "Cuando me vine de Tumaco" que dice:

Yo me vine de Tumaco, yo me vine de Tumaco buscando oportunidad, buscando oportunidad, llegamos a Ciudad Bolívar, llegamos a Ciudad Bolívar, su gente nos apoyó, su gente nos apoyó, no nos juzguen por la piel, no nos juzguen por la piel, ni por la forma de hablar, ni por la forma de hablar. No juzgues sin conocernos, no juzgues sin conocernos, no nos juzguen por juzgar, no nos juzguen por juzgar. Las mujeres del Pacífico, las mujeres del Pacífico nunca pierden su sabor, nunca pierden su sabor, llevan el

canto en la sangre, llevan el canto en la sangre, y amor en el corazón, y amor en el corazón. Aurora Casierra Coime.

Esta Narrativa lanza un grito de protesta ante las situaciones de desplazamiento, dejar su territorio y empezar a asumir las nuevas costumbres y tradiciones generan temor, en especial si se perciben ciertos niveles de discriminación racial instaurados por las colonialidades del poder y del ser que llevan a la "comunidad de recepción" a hacer prejuicios sobre las culturas y comunidades afrodescendientes.

Aurora en esta Narrativa Cantada plantea, además, estrategias de cambio al visibilizar las cualidades de las mujeres afro y enseñar a quien la escucha, que no se debe juzgar, ni tener prejuicios frente a la diversidad de los otros y mucho menos, por el color de la piel o la manera de hablar, y en especial, visibiliza la importancia de las músicas en las culturas afropacíficas como estrategia de resistencia cultural.

Estas situaciones, la motivan a transmitir sus conocimientos, tradiciones y cantos propios de su cultura a muchos pequeños y jóvenes que al igual que ella, también

son víctimas de la violencia. La falta de recursos no la doblegan, y, por el contrario, la impulsan a luchar de forma permanente por no dejar perder sus valores e identidades.

Las músicas para las culturas afrocolombianas son un soporte social-comunitario, un aspecto fundamental que da sentido a la vida, se implementan en todas las actividades y etapas del ciclo vital, dándole un soporte a la existencia mediante la narración de vivencias, de sentires, de momentos históricos e historias de vida ocurridos en sus selvas, en sus ciudades, entre las corrientes de sus ríos, entre las minas que son el sustento para sus pobladores, cuando estas canciones nombran los lugares, también les recuerdan sus juegos tradicionales, sus versos, sus secretos, sus tarimbas, incluso, el roncar de sus canaletes, es decir, las músicas están en todos sus rincones, contribuye a la educación propia de la población, a la formación en valores propios y es especial al fortalecimiento identitario.

Es necesario tener claro que cuando Aurora comparte con sus aprendices los diferentes cantos tradicionales, no deja perder

sus identidades afropacífico, las cuales son dinámicas, representan en sus letras la relación directa del hombre con el territorio, y principalmente envuelve a los niños y jóvenes en un ambiente musical que narra las vivencias de su pueblo, delugares que se encuentran sometidos a cambios ambientales, sociales, históricos y políticos, pero que son su terruño y la base de su cosmovisión.

La música proporciona diferentes elementos en la construcción de sus identidades sociales a parte de ofrecer modelos de satisfacción psíquica y emocional propias de la cultura, por lo cual, la música tiene relación directa con la identidad, puesto que ambas son al mismo tiempo procesos que favorecen la interpretación de lo sucedido en un momento histórico-político determinado y visibiliza la mirada colectiva e individual de quien lo vive.

Cada sábado, los niños y jóvenes llegan presurosos a la escuela donde Aurora los espera en la puerta, tienen una cita con sus tradiciones culturales, aquellas con las que crecieron sus padres y sus abuelos, un espacio en el que gozaron de la



Foto: Rosana Martínez



música que alguna vez conocieron pero que les fue arrebatada por factores sociales y políticos que a su corta edad no comprenden, cada mañana saben que les espera un encuentro con los bombos, los cununos, las marimbas y los golpeadores que al ser tocados por los más grandes los invita a bailar y a cantar, para muchos de ellos es la oportunidad de conocer de los alabaos (Cantos que se utilizan en los velorios o entierros), los arrullos (cantos a niños fallecidos, es decir, a los angelitos), cantos de cuna que aun escuchan de sus abuelas y las rondas que les avisa que llegó el momento de jugar.

En cada uno de estos encuentros se realiza un proceso decolonial, puesto que la relación entre el músico y el oyente es directa, no se da solo por parte del músico sino también por el oyente que vive esa música, expresando sus sentimientos al ritmo de la misma, gritando, riendo, criticando y bai-

lando, porque la riqueza corporal también hace parte fundamental en la transmisión de saberes, devela los modos de ser, transmite valores sociales propios y facilita el aprendizaje de hábitos y costumbres propias de la región; por eso los niños, jóvenes y adultos que participan de estos encuentros musicales, tienen un cita con la diversidad cultural y con la inclusión social.

Aurora sabe que tal vez éste, sea el único espacio que aleja a estos niños y jóvenes de caer en la delincuencia y la drogadicción en un sector marginal como en el que deben pasar cada uno de sus días, por lo que considera que todo lo que tiene que hacer por conseguir recursos y apoyos económicos, vale la pena, aunque no deja de soñar que: "ojalá, todos los desplazados retornemos a nuestro territorio y volviéramos a vivir como lo hacíamos antes" (Aurora).

REFERÊNCIAS

Jorge Orlando Melo, *Historiografía colombiana. Realidades y perspectivas* (Medellín: Departamento de Antioquia, 1996); y "Lo que hay que leer para conocer la historia de Colombia", *Credencial Historia* 52 y 77 (abr., 1994 y may., 1996); Bernardo Tovar Zambrano, comp., *La historia al final del milenio. Ensayos de historiografía colombiana y latinoamericana*, 2 vols. (Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, 1994).

Egberto Bermúdez, "¿Para qué sirve la música?" (Presentación), *Musicología en Colombia: una introducción*, eds. Egberto Bermúdez y Jaime Cortés (Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, 2001) 7.

Juliana Pérez González, *Las historias de la música en Hispanoamérica, 1876-2000* (Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, 2010).

Sergio Ospina Romero, "Reseña del libro: Juliana Pérez González. *Las historias de la música en Hispanoamérica, 1876-2000*", *Maguaré* 24 (2010): 447.

CULTURA - LITERATURA

Não desiste!

Mel Duarte

Não desiste negra, não desiste!
Ainda que tentem lhe calar,
Por mais que queiram esconder
Corre em tuas veias força yoruba,
Axé para que possa prosseguir!

Eles precisam saber que:

A mulher negra quer casa pra morar
Água pra beber,
Terra pra se alimentar.

Que a mulher negra é:
Ancestralidade,
Djembês e atabaques
Que ressoam dos pés.

Que a mulher negra,
tem suas convicções,
Suas imperfeições
Como toda mulher.

Vejo que nós, negras meninas
Temos olhos de estrelas,
Que por vezes se permitem constelar

O problema é que desde sempre nos tiraram a nobreza
Duvidaram das nossas ciências,
E quem antes atendia pelo pronome alteza
Hoje, trava lutas diárias por sua sobrevivência.

É preciso lembrar da nossa raiz
semente negra de força matriz que brota em riste!
Mãos calejadas, corpos marcados sim
Mas de quem ainda resiste.

E não desiste negra, não desiste!

Mantenha sua fé onde lhe couber
Seja Espírita, Budista, do Candomblé.
É teu desejo de mudança,
A magia que trás na tua dança,
Que vai lhe manter de pé.

É você, mulher negra! Cujo tratamento de majestade é
digna
Livre, que arma seus crespos contra o sistema,
Livre para andar na rua sem sofrer violência
E que se preciso for, levanta arma,
mas antes,
luta com poema.

Mel Duarte

Militante da palavra na empresa Slam das Minas
Poeta na empresa Poetas Ambulantes - São Paulo



Ilustração: Maria Luiza Viana

E não desiste negra, não desiste!

Por mais que tentem te oprimir
E acredite, eles não vão parar tão cedo
Quanto mais se omitir,
Menos sobre a nossa história estará escrevendo!

Quando olhar para as suas irmãs, veja que todas somos
o início:
Mulheres Negras!
Desde os primórdios, desde os princípios
África, mãe de todos. Repare nos teus traços, indícios
É no teu colo onde tudo principia,
Somos as herdeiras da mudança de um novo ciclo!

E é por isso que eu digo:
Que não desisto.
Que não desisto.
Que não desisto.

Maria Luiza Viana

Ilustradora

Documentário traz a realidade de Comunidade Quilombola pela visão de suas crianças

Felipe Chagas
Jornalista

A Comunidade Quilombola do Açude foi o cenário escolhido pela jornalista Bárbara Godinho para realização de seu Trabalho de Conclusão de Curso, um documentário que buscou dar visibilidade às tradições do lugar pelo olhar das crianças que lá vivem.

O título “O Açude de Caetano” foi escolhido devido à receptividade do menino Caetano Sabino (08) que, ao conhecer a jornalista, pegou-a pela mão e disse que iria lhe apresentar a comunidade. Godinho identificou na atitude do menino o caminho para seu documentário: mostrar o local na visão das crianças que lá vivem.

A partir daí, a jornalista pensou em não só explorar a história do local, mas também contribuir para a manutenção de suas tradições. Ela, que já oferece oficinas de fotografia, resolveu capacitar as crianças para que elas mesmas capturassem as imagens que achavam interessantes. Daí saíram centenas de fotos. Algumas delas foram

expostas no evento PechaKucha, promovido pelo Centro Universitário UNA.

As imagens em vídeo foram capturadas enquanto as crianças fotografavam, ao mesmo tempo em que apresentavam o local para ela. “Eles pegaram as três câmeras que levei e não soltaram mais, a solução foi capturar as minhas imagens pelo celular. O interessante foi que, ao quererem tirar fotos de tudo que achavam interessante, me apresentaram lugares que se não fosse dessa forma eu não conheceria”, relata.

Agora o objetivo da jornalista é manter o trabalho com as crianças. “A ideia inicial é apresentar o documentário para a comunidade e realizar uma exposição das fotos do local. Para mim é importantíssimo eles terem acesso a esse material e se reconhecerem ali”, conta.

A oficina de fotografia possibilitou que as próprias crianças do quilombo tirassem as fotos para o projeto.



O grafitti também é delas

Negah Thé

Coordenadora da Nação Hip Hop Mulher, arte educadora, trançadeira e figurinista.

O grafitti é um dos pilares da Cultura Hip Hop, e está ligado desde o surgimento da cultura como um dos elementos mais presentes no dia a dia da população. É uma expressão livre da arte que tem atraído cada vez mais mulheres. Elas chegam para ocupar os seus espaços e, ao mesmo tempo, levantar a bandeira do empoderamento e resistência feminina por meio da arte.

Atualmente, várias mulheres incríveis têm fortalecido a cena como a grafiteira Criola. A artista aborda em seus trabalhos o empoderamento da mulher negra e as questões relacionadas às nossas raízes.

Outra importante referência não só no grafitti, mas também quando o assunto é militância negra, é a artista plástica Wanatta Rodrigues. Apaixonada por sua comunidade, o Alto Vera Cruz(BH),

Wanatta explica que as suas artes expressam a população, e a cultura, “Meu trabalho autoral no grafitti é retratar mulheres negras e trazer pra minha comunidade referências de estética negra para além das que desfilam pelo morro, e levar para o asfalto as mulheres negras do Alto”, ressalta.

Há de se citar, ainda, outros trabalhos que fortalecem a cena feminina e que vale a pena você conhecer como a Crew (grupo) Minas de Minas, Bolinho (Maria Raquel), os bombis de Bruna Pimenta, a singularidade de Pereira, SkO (Sabrina), ELLA (Isabela) e tantas outras que levam a influência artística das mulheres para o cenário urbano.

Mulheres no grafitti desde sempre é uma forma de resistência do sexo feminino para se manter em um cenário que sempre foi ocupado por homens. O olhar feminino transpassado para os muros mostra a representatividade que colore a cidade.



Painel “Liberdade é para Todos Irmãos” da artista plástica Wanatta Rodrigues. Ação “Amor ao Alto Vera Cruz em BH.



Tamara Franklin: ancestralidade negra e força feminina no rap

Roger Deff

Rapper e jornalista

Moradora de Ribeirão das Neves, Tamara Franklin, atualmente, é uma das mais surpreendentes vozes do rap mineiro.

O disco “Anônima”, lançado em 2015, foi apontado como um dos álbuns mais importantes do gênero, alcançando públicos de outros países e contribuindo para o rompimento da hegemonia masculina no meio do rap.

Em um tempo em que a mulher projeta sua voz com uma força vista poucas vezes ao longo da história, Tamara Franklin o faz com imponência, falando do lugar da mulher negra e periférica em suas músicas, ressaltando sua herança africana.

Sobre o machismo, a artista conta como se deu sua percepção de como ele influencia as relações, até mesmo no meio Hip Hop.

“Minha ficha caiu muito recentemente. Porque os homens nos acolheram muito bem no movimento, então muitas vezes eu não identifiquei o machismo em algumas posturas”, comenta.

“Não que [o machismo] tenha passado batido, já que a gente viveu muitas coisas por sermos mulheres dentro do hip hop. Bem no início, eu e minha irmã percebíamos que quando estávamos no palco, algumas pessoas das primeiras fileiras viravam as costas. E, então, depois das apresentações, nos pediam desculpas porque não davam nada pela gente, pelo fato de sermos mulheres. Eu sabia sim do que se tratava, mas não tinha isso tão definido, desse lugar que ocupo” aponta.



Foto: Bruno Lemos

Mais sobre Tamara Franklin:

Facebook
<https://www.facebook.com/Tamaraa-Franklinn/>

Youtube
https://www.youtube.com/channel/UCUBPt_FDe2EZIUrthBpQRgA

COTIDIANO Notícias

Sheilla Antão

Militante do Coletivo Pretas em Movimento, blogueira, youtuber autora da página Mãe de Dois e designer de ambientes nas horas vagas

Mano Brown

Mano Brown e banda apresentaram um show inédito de lançamento do disco “Boogie Naípe”. O evento foi realizado no dia 12 de maio, no Citibank Hall(SP). A direção artística do novo trabalho é assinada pelo próprio cantor em parceria com LinoKrizz. O show contou com músicas do álbum de estreia como Mulher Elétrica, Dance, Dance, Dance e Amor Distante.

Foto: Klaus Mitteldorf



É samba que a gente quer

Uma vez por mês, os músicos Enio (cavaquinho), Leirson (violão), Alan (Banjo), André (pandeiro), Bruno (tantan), Marcio (repique), Edmar (tantan) e Leandro (percussão) se reúnem para fazer uma animada roda de samba em BH. O projeto iniciou-se como uma reunião informal de amigos e hoje é considerado uma consolidada roda de samba de raiz.

Foto: Samir Pereira



Anote o endereço:
Rua Lincoln, 398, Bairro União Belo Horizonte/MG.
Também pelo site: <http://migre.me/weQEF>

Mercado digital

O mercado de vendas de produtos digitais tem crescido a cada dia. Antenados com esse crescimento, a Produtora Griot abrirá, em junho, inscrições para profissionais negros de diversas áreas de atuação para confeccionar seus produtos e oferecê-los em uma loja virtual. O projeto pretende estender o alcance de cada profissional a qualquer cliente conectado via internet.

Saiba mais: Facebook: <http://migre.me/weR4S>

Foto: Hilton Sousa





NOTÍCIAS

Júlia Rocha, Cheiro de Flor

A cantora de samba Júlia Rocha recebe Marília Sodrê e Fabiano Lie no lançamento do CD "Cheiro de Flor". O evento acontece no 25 de maio, às 21h, no teatro Bradesco em Belo Horizonte. Quem assina a direção musical do álbum é o multi-instrumentista Christiano Caldas e a produção e arranjos fica por conta de Fabiano Lie. O coro será composto por três grandes mulheres que fazem parte da vida da cantora: Dani Ribeiro (cantora carioca e grande amiga), Vanda Simão e Naná Rocha (mãe e irmã, respectivamente).

Coletivo Pretas em Movimento

O coletivo Pretas em Movimento surgiu em 2014 na cidade de Belo Horizonte e é formado por pessoas interessadas em buscar formas estratégicas de lutar contra o racismo institucional e inserir negros/as em postos políticos da cidade.

O coletivo organiza cinco eventos ao longo do ano: Abraço Negro, Piquenique das Pretas, Café das Pretas, Feijoada das Pretas e Bate Papo de Homem pra Homem.

Foto: Leticia Souza



A professora doutora Nilma Lino Gomes, ex-ministra do Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial, da Juventude e dos Direitos Humanos participou da 2ª edição do Café das Pretas em BH. Saiba mais: <http://migre.me/weR6q>

Sérgio Pererê

O músico Sérgio Pererê anuncia a chegada de um novo CD que será lançado ainda nesse ano, em parceria com os músicos Richard Neves e Barulhista. O CD conta com um repertório inusitado, incluindo um funk carioca de autoria própria, que prioriza o diálogo.

Usando a linguagem eletrônica e fazendo uma viagem no imaginário da música afro brasileira, o disco busca também elementos de outras etnias e ainda continua se utilizando da poesia com ritmo que sempre foi a essência de seu trabalho.

Foto: Tarcísio de Paula



Nutrição e Hidratação

Óleo de coco + Óleo de Argan + D-Pantenol

*Livre de parabenos e petrolato

#AfroLivre



www.niaricosmeticos.com.br



Africanidade é
questão de estilo!



Acessórios hand-made estilo afro-brasileiro
é com a Nêga Badu!



Contato: (31) 3347-3763 | 99339-2795
www.facebook.com/NÊGA-BADU-503633653106251